

CAESURA: Revista Crítica de Ciências Sociais e Humanas

jul./dez. 2005 - Caesura, nº 27 - jul./dez. 2005 – Canoas: ULBRA

Leituras geográfica, filosófica, histórica e intercambiadas do livro *Tão grande quase nada*

A geographical, a philosophical and an historical reading of the book *Tão grande quase nada*

Dirce Maria Antunes Suertegaray

Suzana Kilpp

Carla Beatriz Meinerz

RESUMO

*Este texto é composto por três comentários referentes ao livro *Tão grande quase nada*, de Nelson Rego, publicado pela Tomo Editorial e lançado em outubro de 2004, em evento realizado na Universidade Luterana do Brasil, com palestra da profa. Dra. Dirce Suertegaray. Os comentários representam três leituras da narrativa ficcional do livro, interpretado pelas óticas da geografia, da filosofia, da história e por intercâmbios entre essas três diferentes áreas do conhecimento, interagindo ainda com outras e abrindo espaços novos e indeterminados de conceituação.*

Palavras-chave: Nelson Rego, adolescência, identidade, temporalidade

ABSTRACT

*This text is composed by three commentaries about the book *Tão grande quase nada* (So big almost nothing), by Nelson Rego, published by Tomo editorial and released in 2004 October, during an event occurred at the Lutheran University of Brazil, with a speech by professor Dr. Dirce Suertegaray. The commentaries represent three readings of the book's fictional narrative, interpreted by the approaches of geography, philosophy, history and the interplay between these three different areas of knowledge, interacting one with another and opening new and undetermined spaces of conceptualization.*

Key words: Nelson Rego, adolescence, identity, temporality.

CAESURA Canoas n.27 p.157-161

COMENTÁRIO DE DIRCE SUERTEGARAY

O livro inicia com uma linguagem leve, que conforme já me falou o próprio Nelson, referindo-se ao parecer de outro leitor, pareceria um livro dedicado a adolescentes. Esta linguagem expressa vivências de e entre personagens que considerarei de um realismo lírico. Realismo lírico, pois Nelson não deixa de explicitar com as palavras mais coloquiais e de uso mais corriqueiro, para muitos, vulgar, as formas e expressões da sexualidade adolescente em épocas de mudanças, sobretudo por estar centrado nos anos 70, década de transformações significativas nos hábitos. Falar sobre o livro do Nelson é algo muito instigante. Penso que, dada à profundidade do livro e, ao mesmo tempo sua leveza, tornou-se, conforme o tempo possível, pequeno o espaço de leitura e reflexão sobre ele. E quando falo nele, refiro-me a ele, Nelson, autor que se revela no livro e falo ele: livro, que se revela para nós ou, melhormente, para mim, que acabo de lê-lo. Como falar do livro de Nelson? Um livro que apresenta muitas possibilidades de interpretação. Farei uma tentativa. costumes, formas de viver dos então jovens da época. Esta proposição não retira o encantamento de tentar desvendar o não revelado, a partir desta construção tão real. O livro é escrito a partir da trama entre três personagens e a eles vão se associando outros tantos, alguns com papel destacado como, por exemplo, o da Fernanda.

Outros sendo indicados e reconhecidos nas entrelinhas, na medida em que Nelson desenvolve o romance. Um dos personagens é reconhecido como Eu. O fato de ser inscrito na trama o pronome eu, leva a uma leitura que pode ser entendida como autobiográfica, mas, em sendo

ficção, pode da mesma forma não ser. O eu explicitado poderá ser a razão do choque inicial para alguns leitores. Eu, particularmente, penso que esse eu pode ser pensado como um eu mais universal, ou ao mesmo tempo particular/universal. Exatamente por ser a expressão de uma adolescência e de uma época e exatamente por expressar atitudes universais nessa fase da vida do universo masculino. A trama, então, pode ser banalizada na leitura.

De minha parte, percebo que para além do realismo e da particularidade e, ao mesmo tempo da universalidade das experiências apresentadas, o texto é a expressão de um desejo lírico de universalidade do amor. Como também pode ser a expressão de uma realidade existencial possibilitada por contexto tão aberto para o entendimento e a valorização do afeto na sexualidade, como o contexto descrito por Nelson. Nesse conjunto de interpretações e leituras, talvez se crie a angústia e a repulsa, ou se crie o entendimento de que outras formas de viver são vividas, ou outras formas de viver são idealizadas, tornadas ficção, como possibilidade num mundo em transformação.

Percorremos o livro sempre sob pelo menos essas duas perspectivas (polarizando, como de hábito), para perceber que, ao final, ficção e realidade, realidade e ficção projetam-se como crítica ao modo de viver, como projeto de transformação a partir de um caminho que se instrui na possibilidade de libertar-se – construindo ambiências. Conceito que ao longo do livros e revela na narrativa da vida dos próprios personagens e que, ao final, se concretiza como proposta de participação, ação profissional, aqui não mais ficção, mas realidade vivida pelo Nelson. Aqui reconhecida como realidade, dado que sendo colega do Nelson, conheço seu trabalho e sua construção conceitual de referência.

Sob outra perspectiva, Nelson escreve geograficamente, e escreve geograficamente a partir de uma visão complexa, através da idéia de complexus, ou seja, o que é tecido junto. Ao escrever, faz a analogia da trama com um novelo multicolor de fios entrelaçados. É sob esta perspectiva que Nelson, em diferentes formas de expressão escrita, pois tanto se utiliza da narrativa linear do tempo, revelando uma sucessão de espaços, como se utiliza da fragmentação e intercalação de tempos, compõe paisagens simultaneamente lembradas e vividas.

Revela o vivido na composição com múltiplos espaços/tempos, a partir da narrativa de seus personagens. Eu, Lara e Inocência são os adolescentes que na convivência em Porto Alegre, em particular nas redondezas da Redenção entre o Bom Fim, a Cidade Baixa e o Centro vão tecendo suas existências. Juntamente com Fernanda e a memória seu esposo Renato, então nascidos e criados em Rio Grande e migrados para Porto Alegre, ou entrelaçados na vivência do pai do Eu (personagem) e da mãe do Eu (personagem), nascidos o pai, também em Rio Grande e a mãe, em Livramento.

Esta trama nos permite incorporar outros espaços, simbolizados em descrições de imagens, vividas por eles e universalizadas em nossa construção geográfica do lugar, como representações desses lugares, tanto hoje como em tempos outros. A exemplo da Laguna dos Patos, identificada como Mar de Dentro e dos vapores, forma de locomoção característica

de um tempo que, atual nos anos 50, vai desde então se extinguindo. A exemplo da espacialidade da Campanha, registrada na amplitude da paisagem da coxilha, do trabalho

centrado na estância e na construção do brinquedo com ossos. O gado de osso do imaginário infantil dos fronteirões, já indicado em canção que diz “gado de osso que faz parte do meu mundo, gado de osso quem não teve como piá, ou não foi piá ou não viveu como nós outros”, indica que, mesmo que nós outros nunca tenhamos sido filhos de fazendeiros, mesmo que nós outros, como a mãe do personagem central, ela e eu tenhamos tido vivências próximas destas práticas, estivemos destas ao mesmo tempo distantes. O nosso mundo resultara de outras tessituras, que só nos permitiram viver o encantamento simbólico dessas práticas. Para nós, a vida do campo (terra/gado) foi uma realidade inacessível, só vivenciada no imaginário infantil, no lúdico da piazada.

A leitura do livro do Nelson também revela uma temporalidade forjada pós anos 60, indicada pelas transformações dos costumes, a exemplo da redução dos biquínis, da maior liberação afetiva, da aceitação da afetividade adolescente por alguns adultos, a aceitação das diferenças.

Mas o livro do Nelson também revela uma ditadura esfacelando-se e uma tênue democracia se constituindo, assim como revela uma cidade em transformação, uma verticalização urbana e um centro já indicando sinais de decadência. O texto permite pela conjugação de tempos, resgatado pelos fragmentos da história de vida de alguns personagens, avaliar a transformação das paisagens, sejam elas urbanas ou não. Estas revelam transformações que, em sendo em Porto Alegre, são também em Rio Grande ou Livramento. Esta revelação nos permite, como geógrafo, dizer que este texto do Nelson pode ser um romance, como um ensaio literário, como um texto geográfico, desde que possamos pensar a geografia como um ato de geogarfar; o que é uma constante nos escritos do Nelson, quando desde menino e adolescente, o seu personagem chamado “eu”, constrói álbuns, maquetes, desenhos e depois, quando adulto, refuncionaliza uma casa construindo no seu interior formas operacionais do que viria ser a construção teórica do conceito de ambiência. Conceito que se faz presente no livro e que, ao se revelar, revela a ação política do escritor, assim como sua utopia centrada na perspectiva de, construindo ambiências, contribuir para a reconstrução da noosfera ou da ecosofia. O que, trocando em miúdos, como fala Chico Buarque, pode ser mudar o mundo a partir do lugar, universalizando práticas mais afetivas e de igualdade entre seres tão desiguais.

É isto que em tão pouco tempo, para ler e refletir, pude extrair da obra do Nelson. Seguramente, inúmeras reflexões esta obra nos proporciona, dado que transita pelas artes, pela literatura, pela ciência, pelas religiosidades, pelo cotidiano, o senso comum e, sobretudo, pela nossa geografia. Se tivesse que concluir, diria que, se lermos o livro do Nelson carregados de idéias preconcebidas, correremos o risco de nos espantarmos com algumas passagens, que entendi como fazendo parte do universo masculino e feminino que tratamos como tabus ou vulgarizamos e que, por isso, chocam-nos. Mas o que o livro do Nelson revela é a possibilidade/utopia de superar as tantas mazelas e desconfortos humanos que resultam de uma vida coisificada e desumana, pois vivida sem afetividade. O livro do Nelson releva um profundo desejo de afetividade entre os homens e mulheres que compõem esse momento histórico, uma afetividade que se traduz também e, principalmente, na sexualidade, mas que se expande para o universo de todas as coisas que nos rodeiam. É por isso que, na minha interpretação, este livro que se denomina *Tão grande quase nada* pode dizer-nos que tão grande é a dimensão afetiva do homem, quase nada é feito para que ela possa ser vivenciada.

COMENTÁRIO DE SUZANA KILPP

“Formulei pela primeira vez o conceito de terceira natureza olhando para Lara em seu biquíni estampado com florzinhas. Foi no mar, olhando para o biquíni molhado e as florzinhas estampadas em seu efeito de aderência à curvatura da bunda, que tive a intuição. Depois, deitado na praia, ao lado das duas – e sobre uma toalha estampada com estrelas do mar e conchas – quase adormecendo sob o sol, transformei a intuição em palavras. Comuniquei para Lara e Inocência o conceito, elas gostaram. ”O livro de Nelson é assim, uma viagem que vai do prosaico biquíni de Lara à polêmica filosofia que curtimos nos anos setenta. Amoral, o narrador faz sexo, arte e ciência, arrastando o leitor desprevenido pelas incursões e descobertas que o vão levando a construir um mundo todo seu.

Com a cumplicidade de personagens reais e ficcionais que atravessam a história, emerge em sua vida uma casa existencialista: “O livro da nudez poderia continuar sendo feito por muito tempo. Os nus se misturavam com tudo, eram as senhas que davam acesso para outras imagens do mundo. O nome que juntava todas essas visões era sentimento amoroso. Era uma casa o que faríamos, e não um filme. A casa iria puxar para dentro, como se fosse ar, o sentimento amoroso – em seus espaços internos, ela condensaria na forma de palavra, desenho, instalação, vídeo, as suas múltiplas fruições. Obras em exposição, a casa devolveria para fora o que antes puxara para si – irradiaria – e solicitaria novas condensações para serem, novamente, irradiadas.” Menos importantes para Nelson as identidades dos personagens, elas são, no entanto, na construção do narrador, irreduzíveis a outras que não elas mesmas. É assim, por exemplo, que autor e narrador às vezes disputam sutilmente pelo controle da narrativa, e as explicações o autor força o narrador sem nome a dar: “Cada coisa não era a velha coisa porque em cada uma o que importava não era ser artista, educador, psicólogo, militante político ou qualquer outro conjunto identitário. O que importava era esse movimento inclassificável que, inclassificável, alimentava em cada fragmento, por inteiro, a vida.”

Nesses momentos, a fissura dos personagens (na concepção do autor), principalmente a fissura do inominado personagem narrador, agride o leitor, que é assim conduzido por diferentes olhares, da ficção, da biografia e do ensaio. Mais que a narrativa, o narrador é que é o híbrido, o mosaico, o ser partido, como um Fernando Pessoa que tivesse juntado seus múltiplos eus para escrever um só poema. Assim agindo, Nelson autoriza meu comentário colado ao seu texto, minhas leituras das utopias dos sessenta e setenta grudadas às dele, minhas existências às que ele descreve – a meu ver, cartografando projetos havidos em Porto Alegre à época – as minhas breves histórias às suas: “Coleção de pedacinhos do efêmero que permaneceu, seria um novo inventário do sentimento amoroso – aliás, agora sabíamos que era somente isso o que faríamos de variantes modos por toda a nossa vida, e que era somente isso o que nos interessava fazer. Havia outras vidas pedindo, nas nossas, também o seu lugar constituinte, retrabalhado pelas cristalizações provisórias de palavras e imagens. Encontrávamos a história das coisas breves...”

Não fora por nada disso, a bela tessitura do texto “Tão grande quase nada” já teria tornado sua leitura extremamente agradável.

COMENTÁRIO DE CARLA BEATRIZ MEINERZ

A memória percorre caminhos inusitados, revelando, congelando, escondendo e, nesse processo, inscrevendo novidades em nós mesmos. Faz com que nos compreendamos múltiplos e, sobretudo, profundamente históricos. Revisitar caminhos já percorridos é aventurar-se novamente, imprimindo novas razões ao vivido. É um processo em nada despojado do que somos no momento em que nos propomos a rememorar.

A escrita de Nelson Rego parte de uma proposta de rememorar o vivido pelo narrador e aqueles que compartilharam suas experiências de vida (mesmo que em outros tempos e espaços, em outras vidas), explicitada nas páginas finais do romance. Sem a responsabilidade de um relato biográfico, as narrativas atravessam várias histórias de vida. Sem as características de um romance histórico, os relatos temporais são fluidos. O movimento espiral de contar, de relacionar passado e presente, de formar “linhas de pensamento, agrupando, conforme temas diversos, acontecimentos” (p.25) é um movimento similar ao da própria história, com a vantagem de que o romance permite o manuseio da imaginação em toda sua intensidade. O mérito desse romance pode ser o fato de evidenciar como esse movimento constitui os personagens.

Destaco trechos para exemplificar:

“Compreendi um dia que 1957 talvez não fosse a única data para o meu nascimento –poderia ser também 1929, o ano do nascimento da minha mãe. Ou 1911, nascimento do meu pai, 1903, nascimento de Renato. Cada um de nós já vinha um pouco nascido em cada um dos que haviam vindo antes.” (p.38)

“Os diversos tempos misturavam-se na atemporalidade de uma memória que revisava os seus arquivos, segundo a perspectiva do enclave entre nostalgia e felicidade.” (p. 82)

“O indivíduo não tinha mais vinte, trinta ou sessenta anos, tinha alguns séculos de idade e talvez a idade do humanidade, ou talvez mais ainda, a idade da vida sobre o planeta, e ainda assim era o indivíduo e tão somente o indivíduo, e a sua brevidade e o vórtice da vontade de viver.” (p. 109)

Nessa espiral, o papel do narrador é fundamental, e pode ser relacionado com o papel do historiador que, guardadas as proporções, também constrói narrativas. A narrativa compõe os rumos da história, a partir do que a memória lhe oferece, enfatizando o que lhe convém. Morin, ao escrever sobre sua trajetória pessoal, atenta para isso: Sei não apenas que a percepção de um acontecimento pode incluir seleção do que parece principal, ocultação ou esquecimento do que incomoda, mas também que a lembrança pode alterar seriamente o que ela rememora. Sei que as idéias que nos são necessárias para conhecer o mundo são, ao mesmo tempo, o que nos camufla este mesmo mundo ou o desfigura. Sei também que o olhar do presente retroage sempre sobre o passado histórico ou biográfico que examina. E que ninguém está imune à mentira a si mesmo. (MORIN, Edgar. *Meus demônios*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. 10)

No romance o próprio narrador, declara: Eu, Lara, Inocência estamos gostando de escrever assim. Enfatizamos na memória de Fernanda o encontro entre dois. Enfatizamos na memória de meu pai uma individualização da noosfera criada pela rede do mundo. Com isso, é a nossa própria passagem que estamos escrevendo [...] (p. 86)

Dirce Maria Antunes Suertegaray é Geógrafa, professora no Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

E-mail: suerte.ez@terra.com.br

Suzana Kilpp é Jornalista, professora na Faculdade de Comunicação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

E-mail: sukilp@unisinobr

Carla Beatriz Meinerz é Historiadora, professora no curso de Pedagogia no Centro Universitário Ritter dos Reis.

Email: carla.meinerz@via-rs.net